

## Introdução

Caroline Kraus Luvizotto

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LUVIZOTTO, CK. *Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 93 p. ISBN 978-85-7983-008-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# INTRODUÇÃO

O regionalismo sul-rio-grandense e suas expressões estão alicerçados em tradições e em conhecimentos obtidos pela convivência de diferentes grupos que contribuíram para a formação histórica e cultural do sul do país e para a construção de uma identidade comum, somados aos elementos históricos e sociológicos. Seus legados e sua tradição são transportados para as gerações seguintes, sujeitos às mudanças próprias de cada época e circunstância.

Quando se analisa a história do gaúcho,<sup>1</sup> pode-se observar que há certa resistência na interação com a sociedade nacional, interação esta inevitável. No entanto, o que chama atenção é o fato de alguns gaúchos não admitirem, até certo ponto, essa interação e tentarem se manter como um grupo homogêneo e distante dos outros, mesmo nos dias atuais – com ressalvas, é claro.

Existe uma forte identidade entre os gaúchos, uma herança cultural baseada em tradições e costumes que são transmitidos de forma arraigada de geração para geração. É

---

1 Quando nos referirmos à população do Estado do Rio Grande do Sul, utilizaremos o termo gaúcho.

esse respeito e apego aos aspectos de sua história, cultura, região que torna o gaúcho singular em relação aos habitantes das demais regiões do País.

O que torna este estudo relevante é a questão da preservação da identidade, aqui, especificamente, a dos gaúchos. Como destaca Guillermo Raul Ruben (1992, p.91), “[...] a identidade é um velho problema no pensamento social brasileiro” e é ainda uma discussão substancial nas Ciências Sociais. Segundo o autor, a identidade “[...] transforma-se numa noção interna a uma teoria geral da sociedade” por ser o Brasil uma nação substancialmente jovem e plural, e, portanto, compreender nesse contexto a consciência de uma identidade pela população do sul do País.

O estudo da identidade é necessário para compreender o Brasil nos dias atuais, principalmente no que se refere aos movimentos sociais de caráter étnico (Ruben, 1992, p.96). No caso dos gaúchos, o estudo de sua identidade cultural faz-se indispensável para compreender a constituição do estado do Rio Grande do Sul e a criação de movimentos sociais, como o Movimento Separatista Sulino contemporâneo (Luvizotto, 2000).

Segundo alguns autores, como Bella Feldman-Bianco (1987), as Ciências Sociais possuem uma tradição já acumulada sobre as relações entre diferentes grupos étnicos e a sociedade envolvente. Deve-se destacar a antropologia da ação que se desenvolveu após a Segunda Guerra Mundial na Inglaterra a partir de pesquisas de campo, realizadas principalmente nas colônias europeias na África, e que tinha como objetivo central enfatizar as mudanças sociais no encontro entre diferentes culturas.

Destaca-se também a obra de Roberto Cardoso de Oliveira (1964), o autor brasileiro que, a partir dessa perspectiva, desenvolveu a Teoria da Fricção Interétnica na década de 1960, privilegiando a problemática dos conflitos nas relações entre as sociedades tribais e a sociedade nacional. Para Oliveira (1964, p.27):

[...] não se trata de relações entre entidades contrárias, simplesmente diferentes ou exóticas, umas em relação a outras; mas, contraditórias, i.e., que a existência de uma tende a negar a outra. E não foi por outra razão que nos valem do termo fricção interétnica para enfatizar a característica básica da situação de contato entre índios e a sociedade nacional.

Finalmente, há os denominados estudos de aculturação desenvolvidos quase na mesma época pelos antropólogos americanos e que no Brasil ficaram conhecidos como estudos de comunidades,<sup>2</sup> desdobrando-se em várias pesquisas: *Cunha, tradição e transição em uma cultura rural do Brasil* (Willems, 1947), “Evolução da estrutura social de Guaraatinguetá num período de trezentos anos” (Hermann, 1948), *Cruz das almas: a Brazilian Village* (Pierson, 1951) e *Amazon town: a study of man in the tropics* (Wagley, 1953).

Não se pode negar que a aparição de movimentos separatistas deixa entrever alguns problemas inerentes à Federação brasileira, a iniciar-se pela contradição entre identidade nacional e as várias identidades regionais. Além disso, demonstra a tensão entre propostas de centralização e descentralização administrativa, a luta por recursos econômicos, que ocorrem tanto no plano nacional quanto no regional e intraestadual. Nesse contexto, destaca-se a luta entre os diversos estados por maior representatividade no Congresso e autonomia nas decisões que dizem respeito a sua região.

Darcy Ribeiro (1995, p.413) explica a tendência separatista gaúcha, o que precisamente interessa neste estudo, a partir de fatores geográficos, políticos e históricos:

---

2 Segundo Rubim (1997, p.57), “Estes estudos tinham como principal objetivo a aplicação de ações práticas na realidade social brasileira. Os critérios de escolha das comunidades eram: nunca terem sido estudadas anteriormente, a sua representatividade perante uma série de outras comunidades análogas, e a ampliação ou repercussão de um fato econômico ou político local”.

Diversos fatores se conjuraram para ativar essas tendências separatistas. Entre eles, o fato de ser uma vasta e longínqua região com interesses próprios irrenunciáveis e que, não sendo adequadamente atendidos, ensejavam tensões disruptivas – conducentes à ruptura com o poder central. Soma-se a isso a circunstância de viver apartada do resto do Brasil e submetida a influências intelectuais e políticas de centros urbanos culturalmente avançados, como Montevidéu e Buenos Aires. Nessas condições, não podiam deixar de surgir aspirações de independência, inspiradas às vezes de que o Sul melhor realizaria suas potencialidades como um país autônomo do que como um estado federado; motivadas outras vezes por ideários políticos arrojados, como as lutas anti-escravistas e a campanha republicana dos farrapos.

A singularidade do gaúcho destacada neste trabalho pouco pode demonstrar da riqueza cultural dessa população. A intenção em reconstruir alguns aspectos da história do Rio Grande do Sul é a de permitir a configuração do processo de formação de um ideal separatista que, mesmo não sendo unânime, é representativo no Brasil de uma tendência mundial, ante todo um denominado processo de globalização, do afloramento de identidades específicas, de acordo com Lévi-Strauss (1980) em *Raça e história*. Por isso, tentar-se-á estabelecer uma relação entre conceitos como separatismo e identidade étnica, na medida em que se compreende o significado desta última, a partir da complexidade da especificidade do grupo étnico em questão: os gaúchos.